

SIMPÓSIO AT122

O RETRATO DA MULHER POR VIOLANTE VELLASCO EM SEU JORNAL “O DOMINGO” (1873)

ABBOUD-SCHMIDT, Beatriz

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

tradutorabeatriz@gmail.com

Resumo: Em 1873, na cidade do Rio de Janeiro, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco (1817-1875), brasileira, jornalista, escritora e tradutora, fundou o periódico O Domingo. O Domingo incitava seus leitores a repensarem o papel da mulher no patriarcado imperial, tanto no Brasil quanto no chamado “Grande Mundo”. Ativista pela educação formal da mulher brasileira, Violante traçava paralelos entre a realidade das brasileiras e das europeias, sempre enfatizando a importância das letras no novo papel feminino em sociedade. Com citações sagazes em suas colunas que retratavam mulheres cujas vidas eram condenadas ao espaço privado, Violante criticava homens que “não respeitavam mulheres de gênio”. Este estudo historiográfico procura extrair as colocações mais relevantes de 56 edições do periódico O Domingo, e, baseando-se em Bernardes (1989) e Silva-Reis e Fonseca (2018), analisar o discurso usado no retrato da mulheridade no jornal de uma brasileira, tradutora e jornalista do século XIX.

Palavras-chave: Violante Vellasco; Periódico Feminista; Século XIX; Historiografia; Estudos das Mulheres.

Abstract: In 1873, in the city of Rio de Janeiro, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar and Vellasco (1817-1875), a Brazilian journalist, writer and translator, founded the newspaper O Domingo. O Domingo urged its readers to rethink the role of women in imperial patriarchic contexts, both in Brazil and in the so-called “Great World”. As an activist for the formal education of Brazilian women, Violante drew parallels between Brazilian and European realities, always emphasizing the importance of the field of letters in the new feminine role in society. With shrewd quotations in her columns depicting women whose lives were condemned to private space, Violante criticized men who “did not respect strong-willed women”. This historiographical study seeks to extract the most relevant references from 56 editions of the periodical O Domingo and, based on Bernardes (1989) and Silva-Reis and Fonseca (2018), to analyze the discourse used in the portrait of womanhood in the newspaper of a nineteenth century Brazilian woman, translator and journalist.

Keywords: Violante Vellasco; Feminist Newspaper; Nineteenth Century; Historiography; Women's Studies.

INTRODUÇÃO

Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, natural da Bahia e nascida em 1817, foi uma mulher de influência tanto na literatura brasileira quanto no movimento feminista. No universo da tradução, dedicou-se à tradução de peças teatrais vindas do italiano, francês e inglês; por exemplo, O xale de casemira verde, de Alexandre Dumas. Também atuou como jornalista e escritora; considerada a primeira jornalista brasileira, foi diretora d'O Jornal das Senhoras (1852-1855) entre julho de 1852 e maio de 1853, tendo como temática de destaque os problemas enfrentados pelas mulheres oitocentistas e criticando, principalmente, a educação por elas recebida.

Silva-Reis e Fonseca (2018) defendem que a imprensa periódica é uma fonte histórica valiosa, pois nenhum artigo é publicado sem que haja, previamente, um público-leitor determinado: quem são, de onde são, por que o lerão e como o lerão. O Domingo foi um jornal escrito por uma mulher brasileira, para mulheres brasileiras que buscassem leituras de enfoque literário, recreativo e noticioso, e foi impresso e circulado no Rio de Janeiro do Brasil Império entre os anos de 1873 e 1875.

Retratando acontecimentos da sociedade, o jornal entretinha e instruía. Radical em certos momentos, literária em outros, a produção de Violante trouxe um espelho rico do que a mulheridade representava aos valores morais e à subversão na sociedade do Brasil Império. Como postulado por Cunha (2007: 380), as mulheres eram vistas como as “responsáveis pela mediação dos ambientes domésticos e públicos”, assim, transitavam “com mais permissividade as fronteiras da intimidade da família patriarcal, ganhando as ruas”.

DESENVOLVIMENTO



Seguindo os ecos de mulheres fundadoras e redatoras de periódicos direcionados ao feminino, Violante era defensora da instrução feminina e discorria sobre a importância da educação para o futuro da nação, enfatizando, ainda, o papel das mulheres das letras.

A REDENÇÃO:¹ A nossa colaboradora e amiga, a jovem D. Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, natural de Goiás, escreveu sob este título um poemeto [...]. O Domingo tem por vezes publicado produções poéticas ligeiras dessa jovem esperançosa que, ainda não desiludida, veio alistar-se na fileira daquelas que, ultrapassando os deveres do seu sexo, a agulha e o ménage, entregam-se ao cultivo das letras. [...] E humildemente lhe pedimos que não arrefeça no seu zelo e no seu amor pelas letras; [...] (O Domingo, vol. 66, 4 de abril de 1875)

Em A Mulher, coluna recorrente do jornal em que publicava textos autorais e de terceiros, Violante afirma: “[...] os prazeres do estudo são, talvez, os únicos que lhe encham completamente a alma [...]” (O Domingo, vol. 3, 7 de dezembro de 1873).

A MULHER: [...] Desgraçadamente em nosso país a educação ministrada à mulher é incompleta ou, melhor diremos, nenhuma. [...] É necessário que ao adorno do corpo se junte também o adorno da inteligência; é necessário que à perfeição da matéria se associe o aperfeiçoamento do espírito. [...] Mme. Stael, Jorge Sand, Emilia Gerandin, são dignos representantes da mulher no mundo das letras. [...] A. M. Reis. (O Domingo, vol. 58, 31 de janeiro de 1875)

CLUBE DE SENHORAS: Lê-se em um jornal: “Em Praga, na Boêmia, há um clube de senhoras, com uma biblioteca de 12.000 volumes (600 escritos por senhoras), um museu, galeria, e outros meios de instrução [...]”. (O Domingo, vol. 66, 4 de abril de 1875)

A educação se mostra um tema recorrente e atrativo em O Domingo, expondo, como mencionado por Bernardes (1989), a falta da educação formal ora como causa, ora como consequência da injustiça e da passividade. O corpo jornalístico aqui analisado se encaixa nas ações de escritoras do século XIX que Santos (2008) considera terem criado “um lócus de resistência no

¹ Para melhor compreensão, os excertos utilizados neste estudo foram atualizados seguindo as normas do acordo ortográfico de 1990.

processo cultural-literário nacional do século XIX e início do XX contra o enfrentamento daqueles que julgavam a mulher inapta para o trabalho intelectual”.

D. NARCISA AMÁLIA: A mulher é o complemento do homem como órgão de geração, complemento de sua vida doméstica, complemento como criadora da prole, complemento enfim como confidente do seu coração. Mas deverá ser esta unicamente a *profissão* da mulher? Não. [...] (O Domingo, vol. 4, 14 de dezembro de 1873)

A EDUCAÇÃO DA MULHER – artigo publicado na Revista Litteraria Aurora Brasileira. Ithaca, N.Y., 20 de janeiro de 1874: [...] Agora, porém, que as luzes da civilização espantam as trevas dos preconceitos e prejuízos do passado, chamando todos à atividade e ao trabalho – o espírito progressista do século, como base da nova sociedade, reclama para a mulher a divisão dos monopolizados direitos, as negadas prerrogativas [...]; e, como manancial delas aí vem o pensamento da sua emancipação intelectual, abria-lhe as portas de todas as Universidades, de todas as Academias, dando-lhe acesso à mais alta instrução, colocando-a no lugar que lhe pertence por considerações de ordem elevada [...] (O Domingo, vol. 15, 1 de março de 1874)

Era culturalmente imposto que o homem fosse elevado às posições de autoridade, enquanto à mulher cabia prover o apoio maternal e doméstico para que o ser masculino regozijasse das posições de liderança. Seguindo o que SANTOS (2008) define como “o *ethos* social oitocentista nacional”, as mulheres brasileiras importavam ideais em que deveriam se espelhar, especialmente no modelo europeu de se viver. Violante provia exemplos históricos de como mulheres eram educadas, trabalhavam, se posicionavam e eram posicionadas em sociedade. Em oito volumes analisados pelo presente estudo, é publicada a coluna “Biographia de Mulheres Celebres”, em que eram retratadas figuras femininas de importância histórica e social, selecionadas pela própria Violante. Eram retratadas mulheres em quem suas leitoras pudessem se inspirar, seja nas Artes, em posições de poder político ou no contexto familiar. Textos como esses auxiliavam “aquelas leitoras a alargar seus espaços de autonomia e, especialmente, a redefinir os significados de trabalho e mundo doméstico numa sociedade que ainda vivia a escravidão” (SILVEIRA, 2015: 698).

A MULHER: [...] Nesses tempos bárbaros que já lá vão, a mulher era considerada como uma coisa, como um meio de estender os gozos sensuais do homem. A mulher, portanto, era considerada em relação à matéria, e nada mais. Lançai os olhos ao passado; revolvei essas crônicas feudais, envoltas no pó do esquecimento e do desprezo, e lá verá provada a nossa asserção. Que valiam beleza, carinho, virtudes? Nada. [...] A mulher saiu do lodaçal imundo onde vivia desterrada; e livre do cativo que a degradava, assumiu todos os direitos que o Eterno lhe gravou na alma. [...] (O Domingo, vol. 2, 30 de novembro de 1873)

A MULHER: A mulher não deve desanimar. A mulher que tanta coragem e valor sabe sustentar quando se trata de vencer dificuldades. Seja sempre perseverante. [...] Bem quisera continuar a escrever porque só quando escrevo à mulher é que reputo verdadeira a frase [...] que a missão do escritor é sublime. [...] (O Domingo, vol. 4, 14 de dezembro de 1873)

UMA LITERATA: O jornal os Estudos Unidos da Europa noticia o falecimento de mademoiselle Daubié, a primeira senhora francesa que alcançou o grau e o diploma de bacharel em letras. [...] (O Domingo, vol. 56, 17 de janeiro de 1875).

ESTATÍSTICA FEMININA: As mulheres de Londres não consomem sem produzir, [...] muitas delas prestam à indústria um auxílio poderoso. Segundo o último censo, há nesta capital: 4.879 professoras, 11.191 aias, 6.272 encadernadoras, 4.960 floristas, 58.400 modistas, [...]. Resulta fita total de 468.195 mulheres que vivem do seu trabalho. (O Domingo, vol. 64, 21 de março de 1875)

A maioria dos textos reproduzidos por Violante mantêm posição religiosa conservadora, permanecendo fiel à imagem da brasileira que é mãe afetuosa e esposa devota:

A MÃE: Uma mãe é o título mais terno, mais doce que há na natureza, e o único que exprime por si só todos os sentimentos d'alma e as mais sublimes e puras afeições. [...] Só uma mãe ama seus filhos com verdadeiro desinteresse. Feliz ou desgraçado, o ama sempre. [...] (O Domingo, vol. 6, 28 de dezembro de 1873)

No entanto, deve-se levar em consideração o contexto para que se analise o discurso. Católica, como parte maciça da população brasileira da época, Violante recorria a representações virginais e sacras com frequência. Lavrin (1978: 261) justifica esse discurso como uma tentativa de “ajudar a mulher

brasileira a se elevar ao pedestal e se tornar um símbolo venerado de amor”² (tradução nossa).

A MULHER BEM EDUCADA: [...] Mães, eduquem, pois, vossas filhas; dá-lhes o alimento moral em toda sua plenitude, incuti-lhes desde a tenra infância o amor e temor de Deus, ensine-lhes a rezar; [...] e dê-lhes para ler bons livros. [...] (O Domingo, vol. 9, 18 de janeiro de 1874)

A MULHER: Recorra-se às páginas da história e aí achar-se-á exemplos edificantes de piedade, amor materno e heroísmo! Ver-se-á pudibundas virgens e respeitáveis matronas caminharem de frente erguida, com passo firme e de olhos enxutos, para o altar do sacrifício, deixando rolar suas cabeças pelos ensanguentados degraus do cadafalso, por dedicação à pátria, fidelidade aos esposos, e amor aos filhos! A. M. Reis. (O Domingo, vol. 57, 24 de janeiro de 1875)

Em certo grau, textos como esses poderiam destoar dos discursos em prol da emancipação feminina, pois reverberavam “uma visão idealizada da mulher, eivada de romantismo, aquela que devia ser meiga, afável, de coração virgem, devotada ao lar” (SANTOS, 2008), reforçando o formato enrijecido do ser mulher “como um ser engajado a serviço de interesses alheios aos seus como indivíduo” (STEIN, 1984, p. 49 apud SANTOS, 2008, p. 6).

Violante também mantinha comunicação com o trabalho intelectual e artístico de outras mulheres, mencionando-as e elevando-as pela imprensa feminista:

O SEXO FEMININO: À ilustre redatora deste interessante semanário, [...] a qual gentilmente, e de tão longe, nos enviou um aperto de mão – retribuímos a delicada fineza com um abraço fraternal [...] na árdua tarefa que com tanto zelo quanto maestria tem desempenhado, isto é, em advogar os interesses do sexo a que Ela e nós pertencemos. (O Domingo, vol. 9, 18 de janeiro de 1874)

JORNAL DAS DAMAS: Temos à vista o 1o número desta Publicação hebdomadária, da qual é principal redatora a Exma. Sra. D. Cailota Corte Real, colaborada somente por senhoras. [...] Seja-nos lícito cumprimentar sua redatora em chefe, [...] na difícil tarefa de sustentar os direitos do sexo a que pertencemos, e que conta felizmente com mais esse órgão em seu favor. [...] (O Domingo, vol. 22, 19 de abril de 1874)

² “help the Brazilian woman mount the pedestal and become a venerated symbol of love”.

D. NARCISA AMÁLIA: D. Narcisa Arnalia, que é filha do trópico, e, por conseguinte, ardente e apaixonada, reclama a atenção de todos pela delicadeza do sentimento e pelo seu gênio, [...]. As Nebulosas conferem o que já se vai considerando como verdade em todo o mundo civilizado, e é que a mulher, tendo a mesma educação de espírito que o homem recebe, o igualará. Eduque-se a mulher, que haverá uma completa revolução entre elas. (O Domingo, vol. 4, 14 de dezembro de 1873)

Violante ainda transcreve parte do discurso de Narcisa Amália ao receber honrarias por seu livro, As Nebulosas:

D. NARCISA AMÁLIA E A MOCIDADE ACADÊMICA: Voltai os olhos e vereis: a mulher é a escrava do homem, e se quebra os elos que a jungem ao poste, fica ainda mais escrava dos preconceitos. Conservam-na em trevas para que desconheça o seu direito. [...] Pois bem: eu reneguei a escravidão porque me deixaram compreender que Deus me fez livre [...]. (O Domingo, vol. 46, 4 de outubro de 1874)

Após o periódico ser visitado por Narcisa Amália, Violante publica: “NARCISA AMÁLIA E FRANCISCO OTAVIANO – [...] Foi um dos dias mais venturosos da nossa acerba existência [...]” (O Domingo, 53 ed., 22 de novembro de 1874). A admiração de Violante pela poeta Narcisa Amália comprova que a solidariedade entre mulheres é, e sempre foi, maior que o discurso de rivalidade alimentado pelos retratos sexistas da História.

Com o falecimento de Violante aos cinquenta e sete anos em 1875, O Domingo interrompe suas atividades e cessa publicação.

CONCLUSÃO

O Domingo fez parte de um movimento de jornais feministas oitocentistas. Por meio de O Domingo, Violante defendia a educação formal das mulheres. À frente de seu tempo, ela usou a escrita como enaltecimento das mulheres formadoras de opinião e participantes ativas dentro da sociedade, com papéis que iam além do ambiente doméstico. Ainda que sob um olhar de mulher branca em posição de privilégio, estimular a ação das mulheres de letras e a

nova força feminina compunha o cerne da empreitada de Violante como proprietária, redatora e tradutora de seu jornal.

Fontes documentais

BIVAR E VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de. *O Domingo: Jornal literário e recreativo*. Rio de Janeiro, RJ: Tipografia da Lira de Apolo, 1873-75.

Referências

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de Ontem?* Rio de Janeiro, Século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição. In: CUNHA Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007, p. 380.

LAVRIN, Asunción. *Latin American Woman: Historical Perspectives (Contributions in Women's Studies)*. Connecticut: Praeger Publishers, 1978.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. A atuação de mulheres de letras oitocentistas: lócus de resistência no processo cultural-literário? In: XI Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: USP, 2008.

SILVA-REIS, Dennys; FONSECA, Luciana Carvalho. Nineteenth Century Women Translators in Brazil: From the Novel to Historiographical Narrative. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 34, 2018, p. 23-46.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. O trabalho feminino no espaço doméstico: gênero e classe no *Jornal das Famílias*. Rio de Janeiro: *Revista Topoi*, 16 vol., n. 31, 2015, p. 689-706.

STEIN, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 apud SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. A atuação de mulheres de letras oitocentistas: lócus de resistência no processo cultural-literário? In: XI Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: USP, 2008.